

As descobertas de Peter Lund e as contribuições de seu legado científico para a arqueologia mineira

Bianca Rezende Godói¹

RESUMO

Trabalhar o conhecimento científico, com um olhar historiográfico, é um grande desafio do Historiador das Ciências, que tem o trabalho de historicizar certo feito, personagem ou acontecimento, procurando avaliar a relevância, mudanças e permanências que este provocou em seu tempo e contexto histórico. Esse profissional também enfrenta outros obstáculos a serem ultrapassados neste campo de estudo, que será mais bem debatido no decorrer da pesquisa. O presente artigo retratará um pouco da vida e dos estudos de um icônico personagem da Ciência, Peter Wilhelm Lund, um importante pesquisador dinamarquês que marcou a História da Paleontologia e Arqueologia brasileiras. Responsável por pesquisas e grandes descobertas no século XIX, acerca das primeiras populações ameríndias, seus achados proporcionaram grandes contribuições para pesquisas contemporâneas sobre o tema. Mesmo com as precariedades de recursos científicos de seu tempo, Lund deixou um importante legado científico sobre os animais e humanos que aqui viveram no período do Pleistoceno. Através de seus estudos, muitos pesquisadores contemporâneos, como André Strauss, André Prous e até o renomado Walter Neves, utilizados como fonte para este trabalho, beberam das teorias e hipóteses de Lund para formular e desenvolver suas novas pesquisas. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar a relevância dos achados de Peter Lund para novos estudos e pesquisas atuais. Pretendo investigar como Lund promoveu alterações profundas no modo de interpretar a ocupação humana no Brasil e suas primeiras populações, e como seu legado científico é difundido e ainda hoje é fonte atual para pesquisas mais avançadas. Para tal intento, será utilizado como fonte primária o **Livro de Memórias** (1950) de Peter Lund, no qual este realizou anotações de campo de suas expedições, e como fonte bibliográfica referencial os autores NEVES; PILÓ (2008) e MARCHESOTTI (2005), que irão retratar e contextualizar as descobertas e achados de Lund e seu legado científico.

Palavras-chave: Peter W. Lund. Arqueologia Mineira. Legado.

Peter Lund's discoveries and the contributions of his scientific legacy to Mining Archeology

ABSTRACT

Working scientific knowledge with a historiographic sight is a major challenge for the historian of science. These have the job of historicizing a certain feat, character or event, seeking to assess the relevance, changes and permanences that it has caused in its time and historical context. The Historian of Science also faces other obstacles to overcome in this field of study, which will be further debated in the course of the research. This article will portray some of the life and studies of an iconic science character, Peter Wilhelm Lund, who was a leading Danish researcher who marked the history of Brazilian Paleontology and Archeology. Being responsible for research and great discoveries in the nineteenth century, about the first Amerindian populations, his findings provided great contributions to contemporary research on the subject. Despite the precariousness of scientific resources of his time, Lund left an important Scientific Legacy about the animals and humans who lived here during the Pleistocene.

¹ Licenciada em História, Bacharelada em História pela PUC Minas. Estagiária no Laboratório de Arqueologia do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas. Desenvolveu Pesquisa Científica (bolsista) na área de História da Ciência pela FAPEMIG e participa do Programa Residência Pedagógica (bolsista) pela Capes. E-mail: biancarezende.historia@hotmail.com.

Through his studies, many contemporary researchers, such as André Strauss, André Prous and even the renowned Walter Neves, who will be used as source for this work, utilized Lund's theories and hypotheses to formulate and develop his new research. Thus, this research aims to analyze the relevance of Lund's findings to new studies and current research. I intend to investigate how Peter Lund promoted profound changes in the interpretation of human occupation in Brazil and its first populations, and as its scientific legacy is widespread and even today is a current source for more advanced research. For this purpose, the primary source will be Peter Lund's **Book of Memories** (1950), in which he made field notes of his expeditions, and the reference bibliographic source will be the authors NEVES; PILÓ (2008) and MARCHESOTTI (2005), who will portray and contextualize Lund's findings and his scientific legacy.

Keywords: Peter W. Lund. Mining Archeology. Legacy.

1 INTRODUÇÃO

Peter Wilhelm Lund foi um importante pesquisador dinamarquês que marcou a História da Paleontologia e Arqueologia brasileira. Sendo responsável por pesquisas e grandes descobertas, no século XIX, acerca das primeiras populações ameríndias, seus achados proporcionaram grandes contribuições para pesquisas contemporâneas sobre o tema.

Com o objetivo de analisar a relevância dos achados de Peter Lund para novos estudos e pesquisas atuais, através de pesquisa bibliográfica – em fontes como NEVES; PILÓ (2008) e MARCHESOTTI (2005) – e análise de fontes como o **Livro de Memórias**, de Peter W. Lund, pretende-se investigar como este naturalista promoveu alterações profundas no modo de interpretar a ocupação humana no Brasil e suas primeiras populações, e como seu legado científico é difundido e ainda hoje é fonte atual para pesquisas mais avançadas.

2 UM GRANDE CURIOSO NO BRASIL

“Peter Lund foi um homem que viveu um momento histórico interessante e instrutivo. (...) É preciso pensá-lo historicamente para compreender sua complexidade e perceber sua singularidade”. (MARCHESOTTI, 2005, p. 19).

Em 1801 nasce na cidade de Copenhague Peter Wilhelm Lund, um curioso e aventureiro dinamarquês. Talvez em início de sua vida científica e acadêmica, o pequeno botânico Peter não fazia ideia do universo de descobertas que o esperava.

Vindo de uma família abastada, Lund inicia sua vida acadêmica na Universidade de Copenhague, na área da Medicina e Letras, todavia, no decorrer de seus estudos, este passa a identificar em si novas paixões:

Peter Lund nasceu em Copenhague no dia 14 de junho de 1801 em uma abastada família de comerciantes, o que possibilitou sua dispendiosa atividade de viajante naturalista. Em 1818, ingressou na Universidade de Copenhague a fim de graduar-se em Medicina e Letras. No entanto, desde cedo se viu seduzido pelas pesquisas no campo da História Natural”. (MARCHESOTTI, 2005, p. 29).

Mergulhado no fervilhante século XIX, Lund é filho do Iluminismo, herdando dele a curiosidade de conhecer o mundo, o desejo pelo novo, e pela Ciência. Com intuito de estudar plantas medicinais, e também fugindo da tuberculose que já havia vitimado dois de seus irmãos na Europa, o botânico/naturalista Peter Lund realiza sua primeira viagem ao Brasil em 1825.

De acordo com a historiadora MARCHESOTTI (2005):

Lund viu-se atraído pelo Brasil pelos diversos relatos de viajantes que o precederam, pela riqueza de possibilidades científicas que o país apresentava e pelo clima propício à sua delicada saúde. Diante disso, o jovem dinamarquês de 24 anos desembarcou pela primeira vez em solo americano em dezembro de 1825. (MARCHESOTTI, 2005, p. 29).

Peter Lund fez inúmeras viagens por diferentes áreas no Brasil, passando inicialmente pelo Rio de Janeiro e depois percorrendo algumas áreas também de Minas Gerais, atuando como botânico. Em 1829, retorna à Europa. Marchesotti (*op.cit.*) afirma que: “Foi somente a partir de sua primeira viagem ao Brasil (1825-1829) que Lund definiu a trajetória profissional que iria percorrer por toda a vida: a da História Natural”. (MARCHESOTTI, 2005, p. 20).

Em seu retorno à Europa, no ano de 1829, Lund regressa com valiosos materiais estudados por ele durante sua viagem ao Brasil, visto que “Carregava consigo uma rica coleção de espécimes botânicos e zoológicos, experiências profissionais que lhe garantiriam respeitabilidade no meio científico e muitos projetos a serem realizados”. (MARCHESOTTI, 2005, p. 31).

Novamente na Europa, Lund passa a ter contato com inúmeros cientistas importantes da época. Passou por vários países, entrou em contato com a comunidade científica internacional, participou de congressos e doou coleções de plantas coletadas no Brasil a museus:

Percorreu importantes centros científicos e culturais – Berlim, Viena, Roma, Nápoles, Praga, Genebra, Paris – travando contatos com grandes nomes da ciência mundial, estudando coleções de diversas instituições e realizando novas coletas para o Museu de História Natural de Copenhague. Essa viagem marcou profundamente o cientista, pois lhe proporcionou a aquisição de

conhecimentos e teorias que completaram sua formação, além de colocá-lo em diálogo com a comunidade científica europeia de sua época. Foi nos salões europeus que o jovem Lund foi apresentado a Humboldt, Ampère, Schultz, De Candolle, Milne-Edwards, Biot, Thenard, Cuvier e outros respeitadores pensadores do século XIX. (MARCHESOTTI, 2005, p. 31-32).

Um importante pensador e cientista citado acima, autor de uma teoria que irá influenciar posteriormente de maneira direta as pesquisas de Peter Lund é Georges Cuvier, um naturalista francês que estudou e fez pesquisas no campo da História Natural. Tal teoria era guiada pelos princípios fundamentais do *catastrofismo*. De acordo com NEVES; PILÓ (2008):

Essa teoria sustentava que o planeta, tal qual o conhecemos hoje, resultou de grandes cataclismos consecutivos. Postulava também que estas catástrofes teriam destruído a maior parte ou toda a vida animal e vegetal em vastas regiões do planeta. Segundo o pensamento de Cuvier, essas áreas destruídas seriam repovoadas por novos organismos de aparência mais moderna, resultado de episódios mais recentes da criação divina. (NEVES; PILÓ, 2008, p.100).

Em 1832, com a notícia do falecimento de sua mãe, Lund retorna a Copenhague. Essa notícia tem um peso muito grande em sua decisão de retorno ao Brasil, algo que já desejava fazer. Ele permanece na cidade por pouco tempo, despede-se de sua família e retorna ao Brasil para fazer novas pesquisas.

Peter Lund contava com recursos do governo real dinamarquês, que custeava suas pesquisas, no entanto a maior parte de suas despesas vinha de seus próprios recursos familiares.

O pesquisador chega ao Brasil novamente, desembarcando no Rio de Janeiro em 1833. Visita vários Estados na companhia do importante botânico alemão Ludwig Riedel. O contexto que Lund encontra em sua segunda chegada ao país era bem diferente do de 1825. Em seu regresso, ele encontra, naquele momento, um Brasil eufórico e em momento revolucionário, marcado por conflitos entre as elites e pelo redirecionamento do Estado:

Ao desembarcar na capital do Império brasileiro em janeiro de 1833, Lund encontrou no trono a criança que acabara de nascer quando esteve no Brasil pela primeira vez. O herdeiro do trono - que deixara a corte iluminada diante de seu nascimento - seria em breve o soberano do país. No entanto, o que Lund presenciou no início de sua segunda estada no Brasil foi um período bastante conturbado da política brasileira: o Período das Regências (1831-1840). (MARCHESOTTI, 2005, p. 34).

Lund encontra um Brasil cheio de rebeliões, doenças e violência, fruto do contexto em que se encontrava o Brasil naquele momento. Marchesotti (2005) afirma que: “O cientista nunca se envolveu diretamente na política brasileira, mas sentiu na pele as dificuldades e a insegurança de transitar pelo interior de um país em clima de grande instabilidade”. (MARCHESOTTI, 2005, p. 35).

Em suas muitas viagens, com seu amigo botânico Riedel, Lund também enfrenta inúmeras dificuldades passadas pela maioria dos viajantes de sua época, que enfrentavam as realidades de seu tempo:

Partiram do Rio de Janeiro em outubro de 1833 em direção a São Paulo e vivenciaram todas as dificuldades enfrentadas pelos viajantes do século XIX: viajaram em desconfortáveis mulas por estradas pouco trafegáveis; encontraram problemas na compra de animais de carga e na contratação de guias e cocheiros; dormiram em locais nada confortáveis, algumas vezes ao relento; alimentaram-se com o que era possível em cada ponto do trajeto; tiveram seus estudos prejudicados por perdas e estragos de materiais e sofreram com inúmeras doenças que os atacaram pelo caminho. (MARCHESOTTI, 2005, p. 36).

Peter Lund seguia seus estudos na área da botânica, mas alguns acontecimentos começam a mudar o foco de suas pesquisas. Segundo Marchesotti: “Durante toda a viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais, Lund dedicou-se mais intensamente aos estudos botânicos, (...) No entanto, sua chegada a Curvelo/MG mudaria seu foco de pesquisas dali em diante”. (MARCHESOTTI, 2005, p. 37).

Em 1834, em uma de suas estadas em Curvelo, Peter Lund conhece um conterrâneo dinamarquês chamado Peter Claussen, que era proprietário da fazenda Porteirinhas, nos arredores de Curvelo. A partir de convite pelo próprio Claussen, Lund e Riedel ficaram hospedados em sua fazenda, e lá tiveram seus primeiros contatos com as cavernas e fósseis brasileiros:

Claussen mostrou aos visitantes as ossadas que encontrara nas cavernas próximas e os levou in loco para vislumbrarem as belezas das profundezas do solo brasileiro. Apesar de ter um explícito interesse financeiro na exploração das cavernas, vendendo os fósseis encontrados aos museus europeus, Claussen também deu sua contribuição à paleontologia brasileira. (MARCHESOTTI, 2005, p. 38).

Após esses primeiros contatos com as riquezas fósseis das cavernas cársticas de Minas Gerais, Lund começou a se interessar cada vez mais pela área da paleontologia. Apesar de seu fascínio, seu compromisso com Riedel o faz seguir viagem com este em destino a Ouro Preto. Nesta cidade, Riedel adoece gravemente.

Ainda debilitado, Riedel decide voltar ao Rio de Janeiro, enquanto Lund dirigiu-se a Curvelo e às cavernas que tanto o fascinavam. De volta à fazenda Porteirinhas, Lund começa então suas iniciais atividades como paleontólogo, realizando suas primeiras escavações nesta região.

Sobre as cavernas exploradas por ele, o próprio Lund registra em uma de suas memórias seu deslumbro pelas cavernas:

Meus companheiros permaneceram durante muito tempo mudos à entrada deste templo; depois, involuntariamente, se ajoelharam e, persignando-se, exclamaram, diversas vezes: 'Milagre! Deus é grande!' Foi-me impossível dissuadi-los da idéia de que este templo devia servir de morada a Nosso Senhor. Quanto a mim, confesso que nunca meus olhos viram nada de mais belo e magnífico nos domínios da natureza e da arte. (LUND, *op.cit*, p. 75).

Curvelo também traz a Lund outro “importante achado”, um grande homem que guiará Peter em suas pesquisas e pelo resto de sua vida. Seu nome era Peter Andreas Brandt, um desenhista e ilustrador norueguês que se tornou um amigo muito íntimo de Lund.

Depois de passar algum tempo em Curvelo, Peter Lund irá ter um desentendimento com Claussen, devido ao interesse comercial deste em relação aos fósseis encontrados nas cavernas da região. Lund parte então em buscas de novas cavernas, fato que o irá levar a uma importante cidadezinha no interior de Minas Gerais, que mudaria sua vida para sempre:

Algum tempo depois, Peter Lund teve divergências com Claussen e partiu de Curvelo em setembro de 1835 em busca de outras cavernas a serem exploradas no Vale do Rio das Velhas. Levou consigo aquele que seria seu companheiro e auxiliar por longos anos, Andreas Brandt. Seguiram para Lagoa Santa, não deixando de explorar pelo caminho as várias grutas que encontraram. (MARCHESOTTI, 2005, p. 39-40).

Em 1835, antes com o intuito de permanecer provisoriamente, Lund resolve fixar residência em Lagoa Santa, onde irá viver até o final de sua vida. Sendo um local estratégico para suas escavações, Marchesotti destaca que “As cavernas cársticas das redondezas de Lagoa Santa foram os sítios específicos nos quais os conhecimentos científicos de Lund foram desenvolvidos”. (MARCHESOTTI, 2005, p. 39-40). Por cerca dez anos, Lund irá escavar inúmeras grutas nesta região e seus achados, escondidos nas profundezas dessas misteriosas cavernas, irão marcar não só a vida deste cientista, mas de toda a Arqueologia e Paleontologia brasileira.

3 OS ACHADOS DE PETER LUND EM MINAS GERAIS

Não é incorreto dizer que “Lagoa Santa marcou a história de Peter W. Lund, assim como Peter W. Lund marcou a história de Lagoa Santa” (MARCHESOTTI, 2005, p. 40).

Com cerca de sessenta a oitenta casas, e aproximadamente quinhentos habitantes, Peter Lund chega à pequena e pacata Lagoa Santa do século XIX, onde fixa residência em 1835. Sua casa era bem simples e modesta, mostrando sua escolha de vida, apesar de suas riquezas familiares. Era bem localizada na cidadezinha, e possuía uma vista privilegiada para a Lagoa Santa.

O nome da cidade tem origens nas crenças daquela região de que a água desta Lagoa possuía propriedades curativas:

Segundo as crenças locais, a lagoa existente possuía minerais com propriedades curativas, o que atraiu muitos visitantes à procura de cura para suas enfermidades. A água da lagoa, tida como santa, chegou até mesmo a ser exportada para Portugal. (NEVES; PILÓ, 2008, p. 105).

Lund começa suas escavações em 1835 pelos maciços calcários de Lagoa Santa, e estas irão presentear-lo com mais de oitocentos sítios paleontológicos, 12 mil espécimes de fragmentos e ossos completos, pertencentes a 100 gêneros e 149 espécies fósseis. (NEVES; PILÓ, 2008, p. 105).

Peter também irá descobrir espécimes novas e dar-lhes nomes, com o cachorro-do-mato-vinagre, a raposinha e a cuíca. Além desses animais, Lund também encontrou ossos da famosa Preguiça gigante e do Tigre dente de sabre. Muitos achados pré-históricos foram encontrados nestas grutas de Lagoa Santa, mas um especificamente marcou a vida deste paleontólogo.

Estando quase sempre inundada, por se encontrar às margens de uma lagoa, em 1840, após uma grande estiagem, Lund consegue ter acesso ao interior da Lapa do Sumidouro. Tendo visitado anteriormente essa região em 1839, foi apenas em 1840 que o naturalista conseguiu adentrar e escavar esta gruta, ficando restrito aos dois primeiros salões.

Foi nessa gruta que Lund fez seus primeiros achados de esqueletos humanos, o que mudaria suas teorias e sua perspectiva acerca da antiguidade do homem:

Em 1840, Lund elaborou seu primeiro relato sobre os grupos humanos pré-históricos de Lagoa Santa, através de uma carta publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Segundo o naturalista, as ossadas escavadas no Sumidouro apresentavam “alto grau de fossilização e extraordinária idade”. (NEVES; PILÓ, 2008, p. 105).

Essa revelação era chocante, pois abalava as estruturas religiosas da época, marcada por crenças. Holten; Sterll (2011) afirmavam que “A religiosidade era uma parte integrante da ideia de mundo daquele tempo, do mesmo modo que a tomada de posição política o é em nossos dias” (HOLTEN; STERLL, 2011, p.21).

Carregando traços religiosos e pressupostos bíblicos em seu pensamento, acreditava-se na época que o homem era uma criatura recente e posterior aos animais da Megafauna, e que estes não datariam mais que 3 mil anos. Assim como muitos cientistas da época, Lund era marcado pela religiosidade de seu tempo. Seguidor da teoria catastrofista de Georges Cuvier, acreditava que o mundo passava por diferentes catástrofes, e estas acabavam com todas ou a grande maioria das espécies existentes, para que outras pudessem surgir.

Acerca de sua visão catastrofista, NEVES; PILÓ (2008) afirmam que:

Nas suas primeiras memórias, Lund, catastrofista convicto, relatou que os depósitos fossilíferos das cavernas eram fruto de uma grande inundação que cobriu toda a superfície da Terra, a qual denominou de *Diluvium*, como proposto por William Buckland. (NEVES; PILÓ, 2008, p. 107).

Ao estudar a morfologia craniana dos fósseis humanos encontrados por ele, Lund também irá observar que estes possuíam características distintas das populações mongólicas, das quais, em princípio, acreditava-se derivar a “raça americana”. Observou que seus achados humanos possuíam crânios estreitos e faces projetadas para frente (prognatismo). Acerca das características dessas populações, Lund escreveu em seu **Livro de Memórias**, traduzido para o português por Paula Couto (1950) que:

Se considerarmos esses restos humanos do ponto de vista das analogias que nos apresentam, veremos que todos os crânios mostram caracteres distintivos da raça americana. Têm a forma piramidal muitíssimo acentuada, caráter esse comum à raça mongólica e à americana. Sua frente é muito baixa e estreita, o que constitui a característica mais constante de diferenciação entre a raça americana e a raça mongólica. A pequena elevação da frente diminui em alguns indivíduos até um grau muito chocante, sem que sua forma permita atribuir sua causa a um achatamento artificial. Não me seria possível determinar se, entre as diversas nações ainda existentes na América meridional, caracterizadas por este aspecto distintivo comum, se encontra tal caráter, mas é bem certo que os crânios fósseis diferem dos de todas as raças humanas existentes num só caráter, que é a forma dos dentes. (LUND, 1950, p. 485. Trad. Paula Couto.).

A questão sobre a antiguidade do homem faria com que Lund levantasse outra suposição: a da convivência desses fósseis humanos com os animais da Megafauna. A contemporaneidade destes animais com os humanos é mais fortemente defendida por Lund, quando ele encontra, na Lapa do Sumidouro, fósseis de animais e humanos possuindo próximas datações:

Foi nessa mistura de espécies extintas e ainda vivas que apareceram os restos enigmáticos do cavalo [pré-histórico] e do homem, todos no mesmo estado de decomposição, de modo a não deixar dúvidas sobre a coexistência desses seres cujos restos foram enterrados juntos. O registro da contemporaneidade tinha saltado aos olhos do naturalista, abalando fortemente suas convicções. (NEVES; PILÓ, 2008, p. 113).

A coexistência entre humanos e Megafauna abala fortemente as convicções de Lund, tanto religiosas quanto catastrofistas. O achado simultâneo desses fósseis iria contra esta teoria, devido ao fato de, segundo esta, os homens e a Megafauna terem feito parte de diferentes momentos históricos:

A revelação levaria Lund a direcionar seu pensamento para um caminho contrário ao do catastrofismo de Cuvier, já que esta teoria postulava que as regiões destruídas pela catástrofe seriam repovoadas por novos organismos de aparência mais moderna e que estas espécies seriam o resultado de criações mais recentes, sendo que apenas no último evento criacionista, já com a megafauna completamente extinta, é que o homem teria surgido no planeta. (NEVES; PILÓ, 2008, p. 113).

A tese acerca da contemporaneidade do homem que Lund defendia será debatida tanto na Europa, quanto na América do Norte no século XIX, e posteriormente receberá algumas críticas de estudiosos contemporâneos, como no que tange à semelhança do grau de fossilização dos ossos de animais extintos e humanos.²

Diante dessa mudança de paradigma sobre seu pensamento científico acerca da Antiguidade do Homem, após 10 anos de trabalho paleontológico, Lund encerra as escavações em 1845:

Surpreendentemente, após estudos tão consistentes e parcialmente comprovados por paleontólogos dos séculos seguintes, Lund encerrou suas atividades exploratórias nas cavernas em 1845. Enviou sua grandiosa coleção para a Dinamarca e permaneceu em Lagoa Santa, até sua morte, em 1880. (MARCHESOTTI, 2005, p. 44).

² A convivência do homem com os animais da Mega Fauna será debatida novamente, e tomará forma com o projeto Origens e as datações através de Carbono-14.

Lund envia grande parte de suas coleções para o Museu de Zoologia da Universidade de Copenhague, desde peças de esqueletos humanos até uma vasta coleção de insetos. Além disso, envia uma vasta coleção botânica da região de Lagoa Santa para o Jardim Botânico da Dinamarca. Hoje se encontra também na Biblioteca Real da Dinamarca um grande número de cartas trocadas por Lund e seus familiares, amigos e cientistas da época, tesouro documental para novas pesquisas sobre Lund, seus achados e o contexto em que este viveu.

Outras razões foram também levantadas acerca do que levou ao término das escavações de Lund. Alguns autores afirmam que o fato ocorreu devido à idade já muito avançada do naturalista para as atividades exploratórias, e também devido ao grande custo que estas lhe acarretavam. Após 1845, Lund volta seus olhares novamente à Botânica, com a ajuda de um botânico Dinamarquês, um conterrâneo chamado Eugenio Warming, que desenvolveu também importantes pesquisas nesta área.

Em contato com a comunidade, Lund também ajuda enfermos, servindo-lhes como médico, participa de festivais musicais e religiosos de Lagoa Santa, mas continua sempre ligado e inteirado ao meio científico:

Após 1846, Lund permaneceu exercendo um importante papel nas discussões científicas de seu tempo e na comunidade local. Manteve uma profícua correspondência com cientistas de variadas nacionalidades; transformou Lagoa Santa em parada obrigatória no trajeto de inúmeros viajantes; foi citado por diversos cientistas como mestre e incentivador; teve suas idéias discutidas e requisitadas no meio científico internacional e manteve uma assídua leitura de obras e revistas científicas. (MARCHESOTTI, 2005, p. 45).

Lund foi um homem de seu tempo, e dedicou seu coração quase inteiramente à Ciência. Não teve esposa, e também não existem casos registrados e com precisão sobre relacionamentos amorosos do naturalista. Seus relacionamentos afetivos giravam em torno de seus amigos, família e seu único filho adotivo, Nerêo Cecílio dos Santos, um negro ex-escravo que Lund adotou, cuidou e para quem deixou herança após sua morte, como se este fosse seu filho legítimo.

Em Carta a seus irmãos, Lund ressalta sua preocupação com a condição de vida e educação de Nerêo após sua morte:

Era então meu desejo que ele [Nerêo], após minha morte, continuasse seus estudos no Rio de Janeiro. O Senhor decidiu diferentemente. Muitos anos já se passaram nos quais me foi dada pessoalmente a oportunidade de guiar sua educação. Isso foi-me preferível por motivos morais. O Rio de Janeiro não prima como uma cidade modelo por esse ponto de vista. Também sua educação literária e científica poderia ser mais bem orientada por mim, e isso

parecia-me mais importante que sua educação musical. (Carta de Peter W. Lund a seus irmãos Ferdinand e Christian, datada de 1875. Acervo da Biblioteca Real de Copenhague).

Depois de inúmeras contribuições trazidas com seus achados e suas descobertas, além de ter sido pioneiro em sua área de estudo aqui no Brasil, Peter Wilhelm Lund faleceu em maio de 1880, ficando conhecido, a partir de então, como o Pai da Arqueologia e Paleontologia brasileira:

Lund fez de seus achados fósseis uma fonte de questionamentos sobre a história da Terra e da vida. Diferentemente dos naturalistas que o antecederam, Lund não achou os fósseis, ele os procurou e lhes deu sentido. Elaborou perguntas, formulou hipóteses e buscou respostas. Por isso é hoje reconhecido como Pai da Paleontologia Brasileira. (MARCHESOTTI, 2005, p. 42).

Lund revoluciona não somente a Arqueologia e a Paleontologia no Brasil, como também a pequena Lagoa Santa, que antes era apenas um arraial em algum lugar de Minas Gerais com algumas centenas de habitantes, e passa a ser lembrada para sempre e conhecida internacionalmente como parada obrigatória para estudos acerca da Arqueologia mineira.

Peter Wilhelm Lund foi, acima de tudo, um homem de seu tempo, em diálogo com as tradições, mas também com as inovações de sua época. Sua vida, trajetória e obra representam as demandas e os conflitos do século XIX, mas permanecem únicas em suas singularidades. (MARCHESOTTI, 2005, p. 48).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O naturalista dinamarquês Peter Lund foi um curioso de seu tempo que, movido por seus interesses científicos, viajou milhas de distância ao encontro do novo e exótico Brasil para alimentar seus desejos e questionamentos, encontrando, nas cavernas cársticas de Lagoa Santa, não só fósseis pré-históricos, mas um novo pesquisador dinamarquês, aventureiro e curioso.

Lagoa Santa foi não só seu Eldorado Arqueológico e o berço de seu conhecimento e legado científico, mas também um lar, onde fez amizades memoráveis e criou laços que o acompanharam ao longo de toda sua vida.

REFERÊNCIAS

- FARIA, F. F. de A. Peter lund (1801-1880) e o questionamento do catastrofismo. **Filosofia e História da Biologia**. Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia-ABFHiB, v. 3, n. 1, p. 139–156, 2008.
- GUIMARÃES, M. **Os povos de Lagoa Santa**. São Paulo: Fapesp. 247:16-21. set. 2016.
- HOLTEN, B; MICHAEL, S. P. W. **LUND e as grutas com ossos em Lagoa Santa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p.17-35.
- HURT, W. R.; BLASI, O. **O projeto arqueológico "Lagoa Santa"**. Minas Gerais, Brasil:(nota final). [S.l.]: Secretaria de Educação e Cultura [Museu Paraense], 1969.
- KURY L 2001. Viajantes-naturalitas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **Hist Cienc Saude Manguinhos** 8 (suppl): 863-880.
- IN-SITU **Informativo do Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire**. Nº 8, p. 1–12, 2017.
- MARCHESOTTI, A. P. A. **Peter Wilhelm Lund (1801-1880): o naturalista, sua rede de relações e sua obra, no seu tempo**. Dissertação. Universidade Federal de Minas gerais. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- NEVES, W. A.; DA-GLORIA, P.; HUBBE, M. Lagoa santa: em busca dos primeiros americanos. **Ciência e Cultura**. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, v. 68, n. 4, p. 52–55, 2016.
- NEVES, W. A. *et al.* Morfologia craniana dos remanescentes ósseos humanos da lapa do santo, lagoa santa, minas gerais, brasil: implicações para o povoamento das américas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 9, n. 3, p. 715–740, 2014.
- NEVES, W. A.; PILÓ, L. B. **O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos**. [S.l.]: Academia Llingua Asturiana, 2008.
- PAULA COUTO, C. **Memórias sobre a paleontologia brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Saúde. 1950.
- PROUS, A. As muitas arqueologias das Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, v. 2, p. 36-54, 2013.
- STRAUSS, A. As práticas mortuárias na região de Lagoa Santa. In: DA-GLORIA, P.; NEVES, W.A.; HUBBE. M. (Org.). **Lagoa Santa - História das Pesquisas Arqueológicas e Paleontológicas**. 1ed.Sao Paulo: Anna-Blume, cap.13, 2016.
- STRAUSS, A. **Lapa do Santo: as práticas mortuárias dos primeiros americanos**. In-Situ - CAALE, v. 3, 03 jun. 2013.
- WALTER, H.V. **A pré-história da região de Lagoa Santa** (Minas Gerais). Belo Horizonte: Ed. Brasil, 1948.